



A importância de atividades lúdicas nas turmas de 1º ano do ensino fundamental

Amanda Tracz Pereira Leite

Professora da rede municipal de Curitiba, na Escola Municipal Dom Bosco
Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), especialista em Organização do Trabalho Pedagógico pela UFPR e especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Universidade Positivo
E-mail: amandapereiraleite2012@gmail.com

49

RESUMO

Muito se discute sobre a prática pedagógica, formação continuada, mas é preciso debatermos sobre o ambiente alfabetizador. Este tem que ser acolhedor e que leve o aluno a desejar aprender. Seus detalhes e atividades precisam ter significado. O planejamento estabelece rumos para o ensino da turma, por isso é fundamental que seja devidamente pensado e refletido. Esse artigo tem como objetivo explicar uma proposta lúdica aplicada em uma turma de 1º ano do ensino fundamental em uma escola municipal de Curitiba, demonstrando que é possível resgatar a ludicidade com crianças tão pequenas e concomitantemente obter avanços por meio desta estratégia.

Palavras-chave: Salas alfabetizadoras, Atividades lúdicas, Leitura e escrita.

INTRODUÇÃO

A missão de ser professor sempre será um grande desafio. Para tal, deve estar disposto a ser um eterno aprendiz. Colocar-se como um indivíduo com habilidades, bagagem e experiências, tão como o aluno que está o aguardando diariamente em sala de aula. Stenhouse (1987) se refere ao professor como um jardineiro que cuida de uma planta, de acordo com a sua necessidade, e não como agricultor que aplica produtos de tratamentos igualmente para todo o plantio. Da mesma maneira, o docente precisa ter o olhar sensível aos seus alunos, respeitando a individualidade de cada um.

Como professora alfabetizadora da rede municipal de Curitiba, diariamente a professora se deparava com diversos questionamentos e dúvidas acerca do domínio do sistema de escrita alfabética por parte das crianças de 1º ano e, por isso, buscou aprofundar seus estudos nessa área do conhecimento.

Com a oportunidade de participar do processo seletivo do Mestrado Profissional em Educação ofertada pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), encontrou uma oportunidade para enriquecer seus conhecimentos e desenvolver uma pesquisa na escola em que lecionava, estreitando a relação entre a teoria e a prática pedagógica vivenciada em sala de aula. Ao ingressar no mestrado, teve como objeto de pesquisa analisar o avanço dos alunos na oralidade, leitura e escrita no sistema de escrita alfabética.

Nesse artigo será compartilhado apenas uma parte da pesquisa realizada em uma turma de 1º ano da Escola Municipal Dom Bosco em que leciona. Delimitaremos neste momento a discussão da importância de atividades lúdicas na evolução e apropriação do sistema de escrita alfabética nas turmas de 1º ano do Ensino Fundamental.

ORGANIZAÇÃO DAS SALAS ALFABETIZADORAS E A SUA INFLUÊNCIA NA APRENDIZAGEM

A sociedade do século XXI, norteadora pela tecnologia, rapidez, inovação, exige dos professores a grande habilidade de potencializar em seus alunos o que eles tenham de melhor. Porém, isto só será possível com atividades diferenciadas, planejadas e altamente qualificadas. Para bons trabalhos nem sempre é necessário recursos financeiros, é preciso sim, criatividade, planejamento e, com certeza, pensar e refletir em propostas que não sejam repetitivas, cansativas e desinteressantes.

O aluno da escola pública regular permanece, em média, quatro horas na escola e precisa ter aula em um ambiente acolhedor e estimulador para a alfabetização.

Muitas vezes, é discutido entre professores que quando o aluno sai da “creche” e ingressa na escola sente uma grande diferença. Como professores, devemos refletir que barreiras podemos estar criando para estas crianças?

Uma das hipóteses levantadas é o próprio ambiente. Crianças nesta faixa etária passam grande parte do período escolar “aprisionadas” nas carteiras, enfileiradas, em silêncio. Não se deve negar a importância das carteiras, o ensinar à sentar-se, organizar-se, mas o que desejamos repensar e debater é o que podemos fazer com que alunos do 1º ano tenham prazer em estar em uma sala de alfabetização. Como Freire aponta:

... o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Seus alunos cansam não dormem. Cansam porque acompanham idas e vindas de seus pensamentos, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (FREIRE, 1996, p.96).

O grande desafio de tornar um ambiente alfabetizador, é envolver o aluno a ponto dele não “querer dormir” como diz o autor e sim, desejar aprender, se envolver com o processo de ensino-aprendizagem. Os alunos têm o direito em receber um ensino de qualidade, professores comprometidos, aulas bem preparadas e ter um ambiente que os convide diariamente a querer aprender a ler e a escrever.

De acordo com Teberosky (2003), o ambiente alfabetizador deve proporcionar uma cultura letrada, com livros, jornais, revistas, materiais impressos entre outros. Ela discute que, atualmente, cada vez menos a sociedade oportuniza debates, leituras, discussões, estimulando as pessoas a lerem e a escreverem.

Na sala de aula, o professor alfabetizador precisa ter em mente que as paredes, murais ou quadros, independente da escola, precisam “falar”. Ou seja, não basta colar um monte de informações estáticas que ficarão durante todo o ano, sem ter significado algum para os alunos. As crianças precisam participar da leitura e escrita do que for colocado nestas paredes.

Momentos de leitura diária são imprescindíveis para este nível de aprendizado. Em algumas situações, estes momentos devem ser direcionados pelo professor e outros não. Pois, as crianças precisam criar o hábito de leitura. O prazer virá a partir do incentivo e da descoberta do novo. Como afirma Colomer:

Para a escola, as atividades de compartilhar são as que melhor respondem a esse antigo objetivo de “formar o gosto” a que aludimos; porque comparar a leitura individual com a realizada por outros é instrumento por excelência para construir o itinerário entre a recepção individual das obras e a sua valorização social (COLOMER, 2007, p.144).

A autora defende que as crianças necessitam visualizar o adulto realizando a leitura, como também precisam tentar fazer o mesmo. O ato de compartilhar e ouvir o outro contar e “ler” uma história oportuniza com que ambos percebam a postura do leitor, da entonação, do valor das imagens, da discussão e consequentemente o interesse pela leitura e escrita.

Assim, como Tunmer (2013) defende “Para aprender a ler, a criança precisa descobrir, ou ser levada a descobrir, como a escrita representa esse sistema”. Destacamos aqui, o prestígio do professor mediador que instiga seus alunos a questionar o código escrito e o compreenderem. Torna-se um desafio diário para o professor, variar suas metodologias, estimular constantemente a oralidade, leitura literária e escrita, para que a criança consiga estabelecer relações com a linguagem oral e a escrita.

MOMENTO LÚDICO E A SUA RELAÇÃO COM A LEITURA E ESCRITA

É sabido que atividades lúdicas, como músicas, danças, teatro e brincadeiras são componentes enriquecedores para estimular às crianças quanto a percepção auditiva, espacial e social. Por conseguinte, o ambiente alfabetizador compreende que o aluno do 1º ano é uma criança pequena que está em pleno processo de desenvolvimento e que precisa

e deseja brincar. Estes momentos, se proporcionados pela escola, com objetivos, tempo adequado e por vezes direcionados, são ótimas oportunidades para estimular a linguagem oral com os colegas. Como afirma Dornelles (2001, p.104) “É pelo brincar que as crianças se expressam e se comunicam. É através das brincadeiras que elas começam a experimentar e a fazer interações com os objetos e as pessoas que estão à sua volta”.

Os estímulos à oralidade oportunizarão a percepção de quando utilizar determinados modelos de linguagem, como aponta Halliday (1995), por exemplo, ao solicitar alguma coisa, contar uma história, convidar para brincar, explicar uma regra de brincadeira, ser chamado atenção de um adulto entre outros. É por meio da linguagem que se expressa um conteúdo, para alguém e com uma intenção. A pessoa busca fazer articulações com as suas vivências e experiências, para então colocar na fala a sua intenção, julgamento, comunicar-se, buscando ser compreendido como ouvinte ou leitor.

Outro elemento fundamental destacado por Morais (2012) são os jogos de alfabetização. A partir de um planejamento pensado e refletido pelo professor, selecionar jogos que estimulem a consciência fonológica das crianças. Jogos que envolvam as propriedades do sistema de escrita alfabética, respei-





tando o nível de escrita de cada aluno. Esta proposta tem como objetivo envolver os alunos ludicamente, de maneira prazerosa que proporcione a reflexão sobre a construção da leitura e da escrita.

Entre muitas atividades a serem desenvolvidas na escola, Cagliari (1989), elenca uma como principal:

A atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos é a leitura. É muito mais importante saber ler do que saber escrever. O melhor que a escola pode oferecer aos alunos deve estar voltado para a leitura (CAGLIARI, 1989, p.148).

Complementando a importância de se trabalhar com a leitura na escola, Morais et al (2013) afirma o domínio do conjunto de habilidades necessárias para o leitor obter êxito na leitura. Ele tem que identificar palavras escritas. Para conseguir, precisa de memória, atenção, raciocínio e conhecimento lexical e da gramática da língua, conhecimento de palavras no mesmo quadro semântico, ou seja, habilidades inteiramente ligadas à fala que, quando não adquiridas, prejudicam a compreensão da leitura escrita e da linguagem oral.

Considerando tais afirmações, é que foram aplicadas atividades lúdicas no momento do brincar. Os alunos foram estimulados a realizarem a leitura de imagens e palavras por meio de diferentes estratégias para auxiliá-los no avanço do domínio da leitura e escrita.

Para aquisição da leitura e escrita, não há uma receita pronta. A criança precisa gradativamente conquistar uma série de habilidades para evoluir e apropriar-se do sistema de escrita alfabética. Por isso, queremos dar ênfase às propostas lúdicas que auxiliam no processo inicial de alfabetização, aplicadas juntamente com atividades que contribuem para a aquisição da leitura e da escrita.

PROPOSTA LÚDICA EM UMA TURMA DE 1º ANO DE ENSINO FUNDAMENTAL

A pesquisa foi realizada com todos os alunos da turma de 1º ano da Escola Municipal Dom Bosco, em um período de um mês e meio, em oito encontros de uma hora e meia. A pesquisadora é professora desta escola, mas estava licenciada pela Prefeitura de Curitiba durante um período da pesquisa.

A pesquisa teve três etapas: diagnóstico, intervenção e avaliação. A pesquisadora tinha como principal objetivo acompanhar como se dava o avanço das crianças no domínio da oralidade, leitura e escrita. Para chegar a este objetivo, realizou um longo levantamento bibliográfico, coleta de dados com os alunos e aplicação de atividades. Estas contemplavam momentos lúdicos, a leitura e escrita. Mas, nesse artigo, daremos ênfase apenas às atividades lúdicas, como descritas abaixo:

1. DANÇA DA BEXIGA

Objetivos: Estimular a percepção auditiva por meio

da brincadeira; proporcionar o desafio de descobrir o que havia em comum na escrita das palavras

Brincadeira: Dançar com a turma ao som de uma música, ao parar, todos deveriam ficar parados como uma estátua. Continuar a brincadeira, mas com uma bexiga cheia. Se mexer, ao parar a música, tinha que estourá-la, pegar o papel que estava dentro, sentar e aguardar os colegas.

2. DESCOBRIR O OBJETO

Objetivos: promover a reflexão acerca dos sons iniciais das palavras

Brincadeira: A turma foi dividida em duas equipes. Uma de cada vez, tinha que retirar um objeto de uma caixa, com olhos vendados e tentar descobrir o que era. Ao descobrir o objeto por meio do tato, o aluno junto à equipe tinha que responder com qual letra o nome do objeto iniciava. Se iniciasse com a letra “E”, a equipe levava ponto. Pois, foi colocado propositalmente maior quantidade de objetos que iniciavam com esta letra.

3. BINGO

Objetivos: Desenvolver a consciência fonológica por meio do jogo “Bingo”; estabelecer relação fonema e grafema x imagens

Brincadeira: Foi proposto o jogo “Bingo”. Cada aluno recebeu uma cartela diferente do outro, contendo, letras do alfabeto, sílabas, imagens e pequenas palavras.

Ao sorteio de uma letra, a criança tinha que refletir se poderia cobrir em sua cartela, um dos quadrinhos que correspondesse aquele mesmo som inicial. Toda letra sorteada, a turma refletia oralmente sobre as possibilidades de respostas, após terem tentado individualmente. Ganhava o jogo, quem completava a cartela por primeiro.

4. JOGO DOS DADOS

Objetivos: Estimular a construção de palavras por meio do jogo dos dados; refletir sobre a ordem das letras no interior da palavra pode modificar o significado e o seu sentido

Brincadeira: A turma foi convidada a sentar-se em roda no chão da sala. Um de cada vez, tinha que jogar quatro grandes dados de EVA que em suas faces, tinham: vogais e consoantes. Coletivamente, formamos palavras com as letras sorteadas.

5. VARAL ALFABÉTICO

Objetivo: Explorar a formação do nome de cada aluno

Brincadeira: Para vivenciarmos o jogo Varal Alfabético, cada criança recebeu uma “camiseta” de papel com o seu nome escrito. Utilizando o alfabeto exposto na parede da sala, a pesquisadora refletiu com o grupo o nome de cada criança, de quem viria na ordem e se houvessem mais de um com a letra inicial, ampliou a explicação. Assim, um de cada vez, pendurou sua camiseta no varal.



6. DESCOBRINDO AS PALAVRAS

Objetivos: Desenvolver a consciência fonológica; estabelecer relação leitura e escrita

Brincadeira: A turma foi dividida em três equipes. No quadro-negro foram coladas diversas imagens de um lado e, no outro lado, várias palavras. A pesquisadora sorteou uma letra de cada vez e a equipe tinha que identificar a imagem que correspondesse ao som da letra inicial. Em seguida, tinham que levar a imagem até a palavra correspondente.



Foi notório o envolvimento e a grande participação das crianças nas atividades propostas. Com responsabilidade, brincaram e formularam hipóteses para construírem novos conhecimentos

acerca da leitura e escrita.

Com o objetivo de complementar as atividades sequenciadas e de maior envolvimento do processo de leitura infantil com os familiares das crianças, a pesquisadora promoveu a criação de mascotes.

A turma realizou uma votação para escolher o nome dos mascotes. Os mascotes tinham como formato e características de monstrinhos, foram assim escolhidos pelo fato do envolvimento do grupo pela história: “Quando nasce um monstro”, que em sua história, apresenta um bebê monstrinho.

O bebê monstrinho recebeu o nome de Bob e a bebê monstrinha de Bibi. Ambos feitos de feltro e tecidos coloridos, trazidos prontos pela pesquisadora. Os mascotes diariamente foram enviados para a casa das crianças, acompanhados de uma pasta com livros de diversos gêneros: gibi, história clássica, piadas, rimas, entre outros. Junto com os livros, um caderno ia junto para as famílias registrarem, por meio de desenho e escrita, como foi passar aqueles momentos em casa com o mascote.

Esta iniciativa gerou diversos frutos positivos assim relatados pela professora regente. Famílias elogiaram a escola pelo incentivo à leitura, o envolvimento da criança ao contar a história da ou do bebê monstrinho(a) e maior comprometimento da criança em relação ao processo de alfabetização e leitura às histórias infantis.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa desenvolvida foi de grande valor para a pesquisadora como professora alfabetizadora da rede municipal de Curitiba. Foi possível confirmar que é possível inserir momentos lúdicos aos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula. Os alunos desta turma, após a avaliação e análises realizadas pela pesquisadora, apresentaram avanços nos níveis de escrita. A professora regente relatou que alunos que inicialmente não falavam e se comunicavam com dificuldade, estão se expressando melhor. E, o interesse e o despertar dos alunos pela leitura e escrita passou a se

intensificar, auxiliando no processo de alfabetização.

Além disso, na pesquisa pode-se verificar que a estimulação da linguagem oral, é fundamental para o desenvolvimento escolar da criança e compreensão do mundo. Pois, quando um adulto pacientemente se comunica com a criança, explica o que lhe é perguntado, provoca outras indagações nos pequenos, estimula-os na ampliação do seu vocabulário, imaginação e criatividade, provavelmente possibilitará um bom desenvolvimento da oralidade, auxiliando-os na organização das ideias para a elaboração e construção da sua escrita.



Referências bibliográficas:

- CAGLIARI, L.C. **Alfabetização & Linguística**. São Paulo: Scipione, 1989
- COLOMER, T. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.
- DORNELLES, L. V. Na escola infantil todo mundo brinca se você brinca. In: CRAIDY, C. M.; e KAERCHER, G. E. P. S. (Org.) **Educação Infantil Pra te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001
- FERREIRO, E. **Cultura escrita e educação**. Porto Alegre: Artmed, 2001
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HALLIDAY, M. A. K. **El lenguaje como semiótica social - la interpretación social del lenguaje y del significado**. Santafé de Bogotá, Colômbia: Fondo de Cultura Económica, 1998
- MALUF, M.R.; CARDOSO-MARTINS, C. **Alfabetização no século XXI**: Como se aprende a ler e a escrever. Porto Alegre: Penso, 2013.
- MORAIS, A. G. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012 (Como eu ensino).
- SEBER, M. G. **A escrita infantil: o caminho da construção**. São Paulo: Scipione, 1997.
- STENHOUSE, L. O docente como profissional reflexivo. In: Contreras, J. **A autonomia de professores**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 117-146
- TEBEROSKY, A. **Aprendendo a escrever**. Perspectivas psicológicas e implicações educacionais. São Paulo: Ática, 1995.
- TUNMER, W.E. Como a ciência forneceu as bases teóricas para resolução do "grande debate" sobre métodos de leitura em ortografias alfabéticas. In: MALUF, M.R.; CARDOSO-MARTINS, C. **Alfabetização no século XXI**. Como se aprende a ler e a escrever. Porto Alegre: Penso, 2013.